

A quebrada é
organismo vivo,
que se modifica
e cria suas próprias tecnologias de sobrevivência.

Teima em se adaptar,
corre como seiva
a arte de se virar.

A chamam de barulhenta demais.

Som alto,
voz alta.

Sábado e domingo a zoadá é maior.

É moto,
é forró,
qualquer forma de encontrar alegria,
de extravasar.

Quando descansam? Não sei.

Já percebeu que na semana é diferente?

Quem mora vai trabalhar.
Pega o trem,
Abaixa o olhar,
aprende cedo a se calar.

Polidez.
Silêncio.
Subserviência.

Vejo casas e casas
que não batem sol,
não têm arejamento.

Querem mofar os sonhos da gente.

As de telha,
no verão,
são um tormento.

Rhasna Neves

Brasil Ainda
Carrega Nome
de Árvore

Famílias inteiras num cubículo.
Outros,
é só calçada e relento.

Desigualdade na distribuição do
sofrimento.

Solos desses distribuição nunca existiu,
torto arado Brasil.

Onde as mãos calejadas denunciam
quem é o verdadeiro dono.

Onde as mãos latifundiárias seguram o
papel,
mas nunca o ônus.

Não entendeu?

É que, se você não vibrou com Carolina
Maria de Jesus
indo para a casa de alvenaria,
não viveu nenhum quarto de despejo.

E, se não sente o peso de ela não ter
tido um final digno, é que, para nós,
nenhum acesso parece permanente.

A lógica desse projeto de Brasil é que,
se for para ter algo,
que seja instável.

Casa de tijolo, não. É arriscado.

Vai que favelado começa a ter direitos,
tornando-se emancipado.

A conta é sempre assim:

dá de lá,
tira daqui.

E você ainda me diz que,
se não quisesse ver a casa desabar,
que não construísse ali.



Rhasna Neves Ferreira

Coletivo Flores de Periferia

ENTRE
O QUE
SE VIVE
E O QUE
SE EXPRESSA:
ARTE
E
DIÁLOGOS
SOCIOAMBIENTAIS
NOS
TERRITÓRIOS



O Brasil é reconhecido por sua diversidade cultural e riqueza na produção artística. No entanto, essa valorização se distribui de forma desigual, evidenciando discrepâncias sobre quais grupos sociais produzem arte. A arte, enquanto manifestação ancestral da expressão humana, expressa-se por múltiplas linguagens, como as visuais, musicais e escritas, e carrega a potência de poder refletir o tempo e a sociedade em que se insere, ao mesmo tempo em que pode projetar novos imaginários e realidades. Longe de ser neutra, a arte é atravessada por disputas, narrativas e relações de poder.

Ao pensarmos a construção de diálogos socioambientais em territórios vulnerabilizados, existem algumas coisas que precisam ser balizadoras da relação, como a sensibilidade à realidade daquele território em detrimento da homogeneização de características e soluções, valorizando os saberes locais, conexão com articuladores e ler o território não só pelas dificuldades, mas pela potência e resistência.

As desigualdades não são um fenômeno isolado; elas são, ao mesmo tempo, resultado e vetor de outras desigualdades e operam de forma interligada. O acesso a equipamentos culturais, áreas verdes e infraestrutura urbana é profundamente desigual, afetando principalmente territórios periféricos.

No poema “Fogo”, Nego Bispo traz uma importante reflexão sobre a capacidade de resistência da memória e das culturas de grupos historicamente sub-representados, apontando que mesmo diante das tentativas de apagamento – da escrita, dos símbolos e dos corpos – persistem a oralidade, os significados e a ancestralidade (Santos, 2015). Isso nos provoca a refletir especialmente sobre a força da ancestralidade, que persiste e se reinventa mesmo diante das tenta-

tivas de apagamento.

As múltiplas vivências culturais que são produzidas nos territórios demonstram a capacidade adaptativa e resiliente que esses espaços têm de, mesmo com pouco ou nenhum recurso público, expressar saberes construídos a partir da prática.

Conceição Evaristo, ao cunhar o termo “Escrivivência”, contribui para compreendermos o poder da literatura e da escrita como forma de registro, memória e valorização da experiência produzida em territórios vulnerabilizados. A partir dessa perspectiva, conseguimos analisar o papel da arte não só como importante instrumento de ampliação de repertórios, mas também na construção de identidade dos indivíduos. Essa identidade carrega uma série de marcadores sociais como cor, CEP e renda.

Outra escritora negra que traz luz ao entendimento do poder da arte como forma de transpor vivências é Carolina Maria de Jesus (Figura 1), que em seu diário relatou como a chuva castiga o favelado, descrevendo a água que invade as casas e as condições precárias de moradia nas favelas (Jesus, 1960). A autora relatou, por intermédio de seu diário, que a construção de São Paulo concentra infraestrutura em determinados espaços, o que segue atual.

Artivismo: formas de sensibilizar, criar e resistir nos territórios

Mais importante do que dizer o que precisa ser dito é entender qual a melhor forma de se dizer. Isso será um importante indicador de que se o que foi dito resultará em aproximação e identificação do receptor ou afastamento. A juventude vem desempenhando um papel transformador ao desenvolver projetos sensíveis, não só aos aspectos ambientais e sociais postos, mas também às outras demandas que



Figura 1 – Carolina Maria de Jesus, racismo ambiental e periferias

Fonte: Instagram: CBJC.

o território possui e como estabelecer diálogos. Outro fator relevante é a democratização dos saberes socioambientais: o cuidado em tornar acessível conceitos e discussões globais e valorizar os moradores como produtores de saberes torna possível um diálogo com escuta ativa e transformações reais.

É preciso ter uma leitura de cenário sensível. Estamos falando de populações com jornadas de trabalhos extensas e que se deslocam diariamente para grandes centros urbanos. Em meio a isso, estão vendo seu bairro e ruas sendo alagadas, desabando, sofrendo com calor extremo. Essa sensibilidade, além de impulsionar a organização social e política relacionadas às questões ambientais, também busca propiciar momentos de fortalecimento comunitário, lazer e expressão artística.

A distribuição do sofrimento é desigual, assim como é desigual o acesso às condições de enfrentamento. É nesse contexto que a arte

emerge não apenas como expressão, mas como um dos caminhos possíveis para proporcionar diálogos em que as desigualdades socioambientais são sistêmicas e dificilmente existirá uma solução única. Por isso, é importante existir um arcabouço de soluções estratégicas sensíveis à realidade do território em questão.

Experiência prática do projeto Adapta Keraciaba

Apresento o projeto Adapta Keraciaba (Figura 2), originado a partir de uma iniciativa de extensão universitária de estudantes de graduação em Gestão Ambiental, Gestão de Políticas Públicas e outros cursos interdisciplinares da USP Leste. O projeto tem como objetivo contribuir para a adaptação climática e a redução de riscos de desastres nos bairros Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, onde desenvolve suas atividades há seis anos. As atividades, projetos e ações passaram a incorporar programações que articulam práticas de educação socioambiental com iniciativas de lazer e cultura, tais como saraus, sessões de cinema, oficinas e apresentações musicais.

Ressalta-se, contudo, que essa abordagem não esteve presente desde a fase inicial do projeto, tendo sido construída a partir da observação das necessidades do território. Tal estratégia fundamenta-se no mapeamento de coletivos culturais locais, como o Flores de Periferia, na valorização de artistas do território e na análise do perfil sociocultural dos moradores. A partir da experimentação de atividades integradas, observou-se um aumento significativo na presença dos residentes, bem como uma ampliação da participação ativa da comunidade nas ações propostas.

Em síntese, o caso evidencia que

a articulação entre práticas socioambientais e expressões culturais pode fortalecer o engajamento comunitário e potencializar a efetividade das ações de adaptação climática em contextos urbanos periféricos.

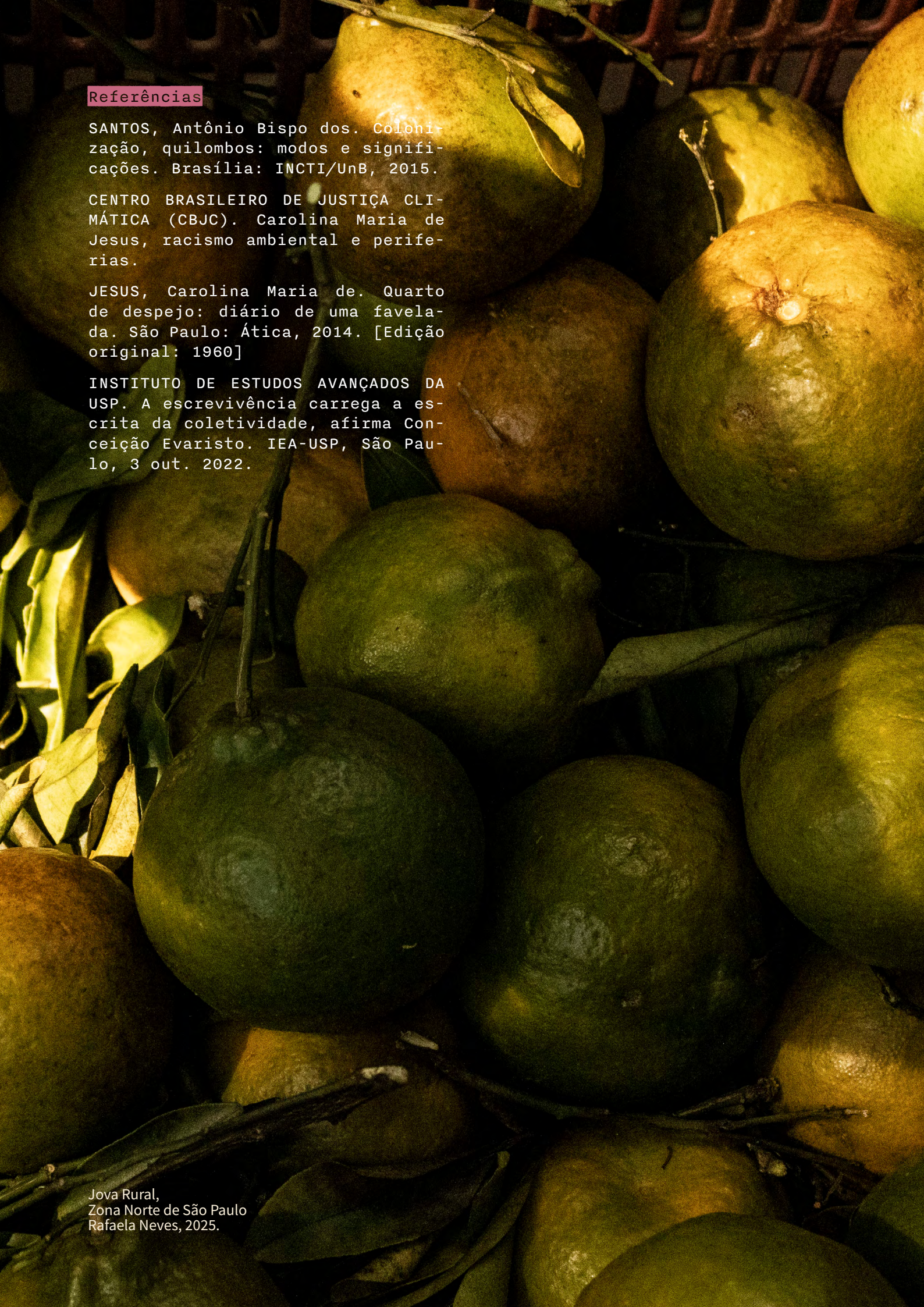


Figura 2 – Primeiro evento do projeto

Fonte: Adapta Keraciaba. Instagram, 2026.

Conclusão

A justiça climática está intrinsecamente ligada à justiça social. Sem o enfrentamento sistêmico das desigualdades, não é possível produzir transformações estruturais duradouras. Diante disso, não há um caminho único, mas a necessidade de um ecossistema de soluções que se articulem, se complementem e se fortaleçam mutuamente. Nesse contexto, a arte se apresenta como um caminho possível. Por seu potencial de sensibilização, ela aproxima comunidades das questões socioambientais, traduzindo experiências, mobilizando afetos e abrindo espaço para a construção de diálogos. Mais do que comunicar, a arte possibilita reconhecer, registrar e agir sobre o território, contribuindo para a construção de respostas coletivas diante das urgências do presente.



Referências

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colômbia, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

CENTRO BRASILEIRO DE JUSTIÇA CLIMÁTICA (CBJC). Carolina Maria de Jesus, racismo ambiental e periferias.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014. [Edição original: 1960]

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. IEA-USP, São Paulo, 3 out. 2022.